Liga *Mbya* Guarani de Santa Catarina: Futebol, integração cultural e território Guarani - *Teko, Oguatá* e *Yvy Rupa*[1]

Gabriel Pereira[2]

Resumo: A Liga *Mbya* Guarani de Santa Catarina é um campeonato de futebol organizado e disputado por diversos *tekoas* (aldeias) Guarani de Santa Catarina, Brasil, promovendo lazer, mobilidade e integração cultural. Ao contrário do que muitos pensam, o futebol ou ao menos um jogo de bola com os pés, não é uma novidade ou uma invasão cultural europeia sobre esses povos. Há relatos de que os Guarani, mais especificamente os Guarani do Paraguai, já praticavam esse esporte no período pré-colonial. O objetivo deste estudo de mestrado é compreender a relação e as geograficidades envolvidas entre futebol, deslocamentos, cultura e território, além de através do futebol, trazer visibilidade a existência, a resistência e a cultura Guarani. Por meio de levantamentos bibliográficos e documentais, observação-participante e entrevista semi estruturada, chegamos a conclusão que é possível entender o futebol como um elemento cultural e ancestral da *teko* (cultura) Guarani, e que além disso, as partidas e campeonatos promovem uma rede de integração cultural e a mobilidade espacial que estão relacionadas, por sua vez, com o conceito de *Oguatá* (caminhamento) Guarani, bem como a compreensão Guarani de *Yvy Rupa*, isto é, território e sua territorialidade. Importante ressaltar, no entanto, que trata-se de uma pesquisa recente e ainda em curso.

Palavras-chaves: Futebol Guarani; Território Guarani; Cultura Guarani; Geografia do Futebol

1. Introdução

O futebol, enquanto atividade cultural e possivelmente ancestral na *teko* (cultura) Guarani, desde seu formato pré-colonial, até sua organização e prática recente através de ligas e campeonatos Guarani, como é o caso da Liga *Mbya* Guarani de Santa Catarina, tem contribuído para a manutenção da *oguatá* (caminhada Guarani), e manutenção de uma rede de relações e intercâmbio cultural que por sua vez, está diretamente relacionada com a

[1] Trabalho apresentado no GT - Futebóis (Adaptado e Indígena), 4º Simpósio Internacional de Estudos do Futebol

[2] Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, Campus de Presidente Prudente. E-mail: gabriel.pereira1@unesp.br

territorialidade e com o território, *Yvy Rupa*, Guarani? Essa é a hipótese central que buscarei trabalhar.

A partir de uma visão geográfica iremos apresentar e discutir a Liga *Mbya* Guarani de Santa Catarina e sua relação com a *Teko* (cultura) ou *Nhandereko* (modo de ser Guarani), *Oguatá* (caminhadas) e *Yvy Rupa*, ou seja, território e territorialidade Guarani.

Todo o material aqui apresentado, refere-se aos resultados parciais de minha pesquisa de mestrado desenvolvida em parceria com a comunidade da Terra Indígena Morro dos Cavalos, Palhoça, Santa Catarina, pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Júlio de Mesquita Filho - UNESP, campus de Presidente Prudente, sob a orientação da Professora Livre-Docente Neide Barrocá Faccio, que resultará em uma dissertação.

O objetivo central desta pesquisa é, através do futebol, de suas ligas atuais e de jogos pré-coloniais, trazer visibilidade a existência, resistência e cultura Guarani. Infelizmente ainda hoje muitos não-indígenas sequer têm noção da existência e territorialidade de povos indígenas e das comunidades tradicionais. No senso comum, o imaginário indígena ainda é muito deturpado e estereotipado. Creio que o futebol, grande paixão de boa parte da população latinoamericana, seria um instrumento importante para trazer visibilidade a essa existência, resistência e cultura. Essa população indígena Guarani, poderia assim ter mais apoiadores em sua luta político-territorial, podendo eleger mais representantes para as bancadas indígenas nos poderes legislativos, e até quem sabe, representantes em esferas executivas.

Para obtenção dos dados, foram utilizadas as seguintes metodologias: levantamento bibliográfico e documental, que inclui relatos de reduções jesuítas e documentário em vídeo; observação-participante de rodas da Liga *Mbya* Guarani de Santa Catarina, incluindo a final de sua 3ª edição; e entrevista semi-estruturada com Jekupé Mawe, jogador da equipe do *Tataendy Rupa* e um dos organizadores da Liga, além de uma das lideranças territoriais da Terra Indígena Morro dos Cavalos, em Palhoça, Santa Catarina.

Esta pesquisa nasceu de uma relação de trabalho, amizade e confiança, a partir de minha atuação como bolsista no projeto de pesquisa "*Nhemboaty Mirim*: um sistema de vigilância e monitoramento saudável e sustentável do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro

e da Terra Indígena Morro dos Cavalos (SC), com base em geotecnologias e mapeamento participativo"[3].

2. Manga Ñembosarai: o "futebol" pré-colonial guarani

Há uma disputa histórica e geográfica sobre a origem do futebol. A versão hegemônica conta que esse esporte teria surgido na Inglaterra em meados do século XVII, nos colégios frequentados pela elite. No entanto, nesse período, o esporte ainda se confundia com o Rugby, e vários colégios permitiam, inclusive, o uso das mãos. Somente em 1863, algumas equipes de Londres reuniram-se para debater e criar regras próprias para esse esporte, através da *Football Association* (Associação de Futebol) (LEÃO, 2017).

No entanto, outra versão sobre a origem deste esporte vem timidamente ganhando força. Gianpaolo Romanato, no periódico *L'Osservatore Romano* do Vaticano, de 11 de junho de 2010, às vésperas da Copa do Mundo daquele ano, cita a obra do jesuíta José Manuel Peramás, intitulada *De Administratione guaranica comparata ad Rempublicam Platonis commentarius*, mais conhecida como "A República de Platão e os Guaranis". Nessa obra, publicada em 1793, em Faenza, Itália, o jesuíta, além de associar a sociedade Guarani com a República de Platão, relata experiências que observou durante sua vivência na América entre os anos de 1755 e 1767. Entre esses relatos, ele conta que os Guarani já praticavam um jogo de bola com os pés, muito similar ao futebol que conhecemos hoje (CORNELLI, 2016). "O texto serve de fonte para uma notícia extraordinária: o futebol nasceu entre os Guarani das Missões da região do Paraguai e do Brasil" (CORNELLI, 2016, p. 127).

Segundo Cornelli (2016), Peramás não foi o único missionário jesuíta a relatar sobre o jogo de bola com os pés dos Guarani. José Cardiel, também em Faenza, Itália, escreveu um manuscrito em 1771, publicado somente muitos anos depois, em 1913, na Espanha, por P. Hernandez, com o título de *Breve relación de las misiones del Paraguay*. Nesse manuscrito, Cardial relata:

[3] Projeto fomentado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2019/27565-4

> Después de la misa se reparten las faenas de toda la semana, y se van a comer y a jugar a la pelota, que es casi su único juego. Pero no la juegan como lo españoles: no la tiran y revuelven con la mano. Al sacar, tiran la pelota un poco en alto, y la arrojan con el empeine del pie del mismo modo que nosotros con la mano: y al volverla los contrarios lo hacen también con el pie: lo demás es falta. Su pelota es de cierta goma, que salta mucho más que nuestras pelotas. Júntanse muchos a este juego y ponen sus apuestas de una y otra parte". (CARDIEL, 1771, publicado por P. Hernandez, 1913 apud: CORNELLI, 2016, p. 133 - 134)

Esse relato é interessante, pois, além de realizar uma breve descrição sobre o esporte praticado, quatro pontos chamam a atenção: o primeiro, pelo fato de Cardiel demonstrar uma certa surpresa ao relatar que os Guarani usavam os pés ao invés das mãos para praticar esse esporte; o segundo, é a descrição da bola, ou da "pelota de goma", como é descrita, pelo fato de esta saltar muito mais em relação às bolas já existentes na Europa; o terceiro ponto que chama a atenção, é o fato de que nesse jogo, os Guarani já dispunham de certas regras, e já possuíam, inclusive, penalidades para o descumprimento delas; e, por fim, o fato de não só jogarem com os pés, mas, além disso, já realizavam apostas sobre o jogo.

Em 2014, sob a direção de Marcos Ybáñez, um documentário intitulado de *Los Guaraníes Inventaron el Fútbol* foi produzido resgatando essa história. Esse documentário conta com a presença de Bartolomeu Mélia, etnólogo, antropólogo e maior especialista em Missões Guaranis (CORNELLI, 2016). Mélia aponta que os relatos mais antigos sobre a prática do futebol no Paraguai remetem ao ano de 1639, na publicação *Tesoro de la Lengua Guaraní*, do sacerdote Antonio Ruiz Montaya. Mélia, portanto, afirma que os Guarani são os verdadeiros inventores do futebol e a cidade paraguaia de San Ignacio Guazú, berço desse esporte. No mesmo documentário, o futebol Guarani é apresentado como *Manga Ñembosarai*, jogo de bola com os pés, em português.

De fato, o futebol está muito presente na *teko* (cultura) dos Guarani. Pereira (2010), ao estudar os Guarani Mbya do Estado do Rio de Janeiro, aponta o futebol como um elemento marcante na cultura Guarani e que auxiliou na sua aproximação com a comunidade: "presença constante no futebol que me abriu as portas para uma outra parte importante do dia a dia da aldeia: o ritual da casa de reza (em guarani, *opy*), que também acontece, diariamente, um pouco depois do futebol, no início da noite" (PEREIRA, 2010, p. 87).

Bergamaschi (2005), ao estudar o processo de escolarização nos *tekoas* (aldeias) Guarani aponta: "como em todas as aldeias Guarani que conheço, nessa também há um

campo de futebol, na qual presenciei um jogo, no domingo" (BERGAMASCHI, 2005, p. 71). A mesma autora ainda aponta que "o futebol é especialmente apreciado (...), fazem deste esporte uma forma de integração dentro da aldeia com a sociedade envolvente" (BERGAMASCHI, 2005, p. 81).

Santos et al. (2010), ao estudarem o brincar na natureza em populações Guarani do Estado do Paraná, apontaram que o futebol é a atividade com mais adeptos entre crianças e adultos, inclusive entre as mulheres. Segundo os autores, "das terras indígenas visitadas, as únicas que não possuíam campo de futebol foram aquelas que não tinham espaço físico adequado" (SANTOS et al. 2010, p. 6). Eles ainda apontam que:

> O futebol tem grande importância entre os indígenas por permitir a interação entre índios[4] de aldeias próximas, e também na interação com os não índios moradores de cidades vizinhas. Uma vez que rotineiramente os times de futebol das comunidades participam de amistosos e campeonatos envolvendo os times da região (SANTOS et al., 2010, p. 7).

O Antropólogo Sérgio Eduardo Carrera Quezada (2007), ao desenvolver sua pesquisa de mestrado - intitulada A terra de Nhanderu: organização sóciopolítica e processos de ocupação territorial dos Mbya Guarani em Santa Catarina, Brasil - notou durante os trabalhos de campo e entrevistas, como o futebol é um elemento relevante na *Teko* (cultura) Guarani. Ao entrevistar o Guarani Leandro Fernandes *Kuary Miri*, o autor relata que ficou impressionado. Segundo o próprio Quezada (2007, p. 188): "tem um elemento que no seu depoimento me impressionou: o fato de ser o futebol não uma influência *juruá* (não indígena), mas um elemento pertencente à tradição dos próprios Guarani".

Na entrevista em questão, Quezada e Leandro discutiam o *Nhande reko,* o modo de ser Guarani. Leandro, o entrevistado Guarani, havia acabado de afirmar que segundo ele, *Nhande reko* seria o sistema Guarani sem o contato do branco, e que para sua manutenção tradicional seria necessário ficar longe das "coisas do branco", inclusive energia elétrica. Foi

[4] Trata-se de uma citação direta. No entanto, não considero correta a expressão "índios" para se referir aos povos indígenas. A literatura atual, inclusive escrita pelos próprios povos indígenas, têm avançado nesse sentido. Apesar de em um primeiro momento as palavras parecerem sinônimos suas etimologias, isto é, suas origens, são muito distintas. "Índio" é um termo pejorativo utilizado genericamente a partir de um erro histórico e geográfico na invasão e colonização europeia sobre a América. A palavra tem origem nos habitantes das proximidades do rio Hindu, na atual Índia. A palavra "Indígena", por sua vez, tem sua origem no latim, e poderia ser traduzida como "natural do local que vive" ou "gerado na terra que lhe é própria".

nesse momento que Quezada perguntou "Nem futebol?", e Leandro respondeu "futebol pode ser" (QUEZADA, 2007, p. 188). Nas palavras do próprio Leandro:

> Muita pessoa diz assim. Diz que o filho de Nhanderu, parece que Tupã ou Karai, antes de partir, ou acho que Nhanderu Miri... eu acho, antes de partir, pro outro lado do oceano, eles brincavam de bola, mas só que a bola não é daquela, daquela que nós temos, comprada. Aquela é feita de mão mesmo, não sei do que é. E a peteca também. Diz que aquela é diversão para Ele mesmo, foi Ele mesmo quem transformou a bola pra gente (...) (Leandro Fernandes Kuary Miri, apud: QUEZADA, 2007, p. 118).

Ainda Segundo Quezada (2007, p.118) "Confirmado por mim através de vários questionamentos entre os moradores, o futebol na explicação nativa é uma criação divina dos *Nhanderu Miri*". Não se sabe até que ponto este pesquisador acreditou na veracidade destes depoimentos, pois logo na sequência ele aponta que "este esporte sofreu uma re-significação para explicar sua prática" (QUEZADA, 2007, p. 118), e segundo seu trabalho, poderíamos entender a re-significação como uma mudança de significado de práticas culturais para se adequar a novos contextos, sobretudo, neste sentido, o contexto atual de invasão do branco e a alteração do *Yvy Rupa*, território Guarani, e do *Nhande reko*, modo de ser tradicional Guarani. No entanto, em nenhum momento o autor traz à tona os relatos das missões jesuítas, por exemplo, que reforçam o depoimento dos Guarani entrevistados. Neste sentido, gostaria de deixar evidente que acredito, sim, no depoimento dos povos Guarani, que o futebol - ou ao menos algo parecido, como um jogo de bola com os pés, *manga nhembosarai* - está ligado a cosmologia Guarani desde o período pré-colonial e não é, apenas, uma re-significação.

Do mesmo modo que outros pesquisadores, quando tive a oportunidade de conhecer a Terra Indígena Morro dos Cavalos, em Palhoça, Santa Catarina, em agosto de 2021, durante a realização de um trabalho de campo de projeto de vigilância e monitoramento denominado "*Nhemboaty Mirim*", fui surpreendido no modo como o futebol presente na *teko* (cultura) e no cotidiano de crianças e adultos, incluindo homens e mulheres da comunidade, que falam sobre o assunto, além de usarem uniformes próprios dos times locais Guarani.

Apesar de se tratar de uma pesquisa ainda em curso, os resultados da realização de dois trabalhos de campo nesta Terra Indígena mostram elementos que reforçam a crença do futebol ser um elemento pré-colonial e ancestral na *Teko* (cultura) e na cosmologia Guarani. Em uma das entrevistas que realizei com Jekupé Mawe, um dos organizadores da Liga *Mbya* Guarani de Santa Catarina, perguntei sobre a bola de "goma", e ele respondeu que não só

conhece, como no passado, junto com outros jovens e crianças, confeccionavam esse tipo de bola para brincarem. Segundo ele, não era tarefa fácil produzir essa bola, levava dias enrolando a borracha e esperando secar até chegar no tamanho ideal.

Jekupé Mawe conta que desde que ele se entende por gente, lembra da prática do futebol nos *tekoas* (aldeias) Guarani. Ele reforça ainda a cosmovisão de que a bola, assim como outras brincadeiras, teria sido criadas pelo próprio *Nhanderu* (nosso pai), para a diversão e integração entre os Guarani, fazendo portanto parte da *teko* (cultura) e do *nhandereko* (modo de ser Guarani).

E apesar da Liga ser relativamente recente, como veremos no próximo capítulo, se engana quem pensa que os Guarani de Santa Catarina, diferentemente dos Guarani do Paraguai, não jogavam futebol e até mesmo não organizavam pequenos torneios. Jekupé Mawe conta que antes da Liga *Mbya* Guarani de Santa Catarina, apostas aconteciam quase todos os finais de semana. Segundo ele um *tekoa* (aldeia) convidava, e outros *tekoas* (aldeias) se deslocavam para participar desses pequenos torneios, geralmente de um único dia, envolvendo apostas entre os *tekoas* (aldeias) e equipes.

Perguntei até se as mulheres já jogavam futebol antes da formação da Liga. Jekupé Mawe respondeu que sim, já jogavam. Além disso, falou que desde que ele se lembra, isso foi muito tranquilo. Segundo ele, em caso de mulheres que são mães, é comum o pai ou outro familiar cuidar da criança para que a mãe possa jogar.

Portanto, diante dos relatos aqui apresentados, tanto de outros pesquisadores, como os coletados em minha pesquisa participativa e os relatos de missões jesuíticas, não resta dúvida que o futebol é um verdadeiro patrimônio cultural imaterial dos povos Guarani, que ainda se reproduz e que inclusive, pode estar diretamente relacionado com sua noção de território (*Yvy Rupã*) e territorialidade, como veremos nos próximos capítulos.

3. Liga M*bya* Guarani de Santa Catarina

A Liga *Mbya* Guarani de Santa Catarina é um campeonato de futebol de 7 jogadores promovido e organizado pelos Guarani de diversos *tekoas* (aldeias) de Santa Catarina. Segundo o próprio site[5] do campeonato, podemos entender que o seu objetivo é "promover o bom relacionamento entre as aldeias, os atletas e população em geral, proporcionando uma

[5] Disponível em: https://www.ligaguaranisc.com.br/

forma de lazer aos desportistas e oportunizar a formação do cidadão na sociedade" (LIGA *MBYA* GUARANI DE SANTA CATARINA, 2022)

Segundo reportagem publicada pela página do jornal digital Cotidiano, o campeonato foi idealizado em 2018 pelos então estudantes, Irineu Xunu e Elizandro Antunes, hoje graduados em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ainda segundo a mesma matéria[6], "a primeira edição da Liga foi anunciada em uma live no Facebook, transmitida de dentro da UFSC. Durante o sorteio dos grupos, uma caixinha de som tocava ao fundo a música da *Uefa Champions League*" (BARBOSA, 2021). Segundo Irineu Xunu, o próprio termo "Liga", que dá nome ao campeonato, seria uma referência a *Uefa Champions League*, ou Liga dos Campeões da Uefa, em português, campeonato de clubes continental mais importante da Europa, equivalente a Copa Libertadores da América, na América do Sul (BARBOSA, 2021).

A primeira edição da Liga teve início em dezembro de 2018, se estendendo até junho de 2019. O próprio calendário dos jogos da Liga *Mbya* Guarani de Santa Catarina, segundo conversas que realizei com Jekupé Mawe, da Terra Indígena Morro dos Cavalos, foi inspirado pela *Champions League* europeia, cuja temporada tem início em um ano, e encerra-se no ano seguinte. Essa característica do calendário da Liga manteve-se nos campeonatos subsequentes.

No entanto, a 2ª Edição da Liga teve início em novembro de 2019, mas só chegou ao fim em agosto de 2021. Essa edição foi marcada por uma longa interrupção nas etapas e partidas em decorrência da pandemia de SARS-CoV-2, mas conhecida como Covid 19. Na 3ª Edição o calendário foi regularizado: a liga teve início em outubro de 2021, com a grande final no dia 30 de julho de 2022. A 4ª edição já está marcada para começar em dezembro de 2022 e deve se estender até meados de 2023.

Outra possível inspiração na tradicional *Champions League* europeia, reside no nome, uniforme, ou até escudo de algumas equipes. O *Borussia* Guarani, por exemplo, recebeu esse nome em referência ao *Borussia Dortmund* da Alemanha. Os escudos das equipes do Imaruí, tanto no masculino, quanto no feminino, são interessantes, pois, apesar de fazerem referência aos escudos do *Paris Saint-Germain F. C.* e Barcelona F. C., respectivamente, ainda assim trazem eles com elementos da *teko* (cultura) Guarani, como o *Kangua'a* (cocar) e o *Guyrapa*

[6] Disponível em: https://cotidiano.sites.ufsc.br/esporte-luta-e-tradicao-vem-ai-a-3a-edicao-da-liga-de-futebol-mbya-guarani-de-santa-catarina/

(arco e flecha). No caso do feminino vão além e inserem um salto (calçado feminino) no escudo, conforme as Figuras 1 e 2.

Figuras 1 e 2 - Escudo das equipes masculina e feminina de Imaruí

Fonte: Facebook Liga Mbya Guarani de Santa Catarina

Segundo Jekupé Mawe, na primeira edição era ainda mais comum referências a clubes europeus, porém nas últimas edições foi possível observar uma rápida introdução de outros elementos culturais da própria *teko* (cultura) Guarani na Liga, que vão além do jogo de bola com os pés. Atualmente, quem assiste aos jogos da Liga se depara com times com nomes em Guarani - geralmente relacionado ao *tekoa* (aldeia) - além de uniformes e escudos que privilegiam a *teko* (cultura) Guarani. Parte desses uniformes trazem inclusive grafismos Guarani, como é caso do uniforme da equipe feminina do Tataendy Rupa (Figura 3)

Figura 3 - Partida entre *Tataendy Rupa* e *Marangatu* pela abertura da 3ª Edição da Liga *Mbya* Guarani de Santa Catarina, na qual é possível observar o uniforme do *Tataendy Rupa*

Fonte: Facebook Liga Mbya Guarani de Santa Catarina (2021)

Chama atenção, por exemplo, os escudos das equipes do *Itaty Mirim*, *Tataendy Rupa* e *Mymba Roka*. O primeiro traz um típico grafismo Guarani encontrado em sítios arqueológicos de arte rupestre. O segundo, traz um *maino'i* (beija-flor), animal muito importante na cosmovisão Guarani, associado a criação do mundo (PGTA, 2021). O terceiro, por sua vez, traz o *Mbaraka mirim*: chocalho tradicional usado em cerimônias, o *Petyngua*: cachimbo tradicional utilizado tanto no dia-a-dia quanto na *Opy* (casa de reza), além do milho colorido, que faz parte da agricultura tradicional Guarani antes da chegada dos transgênicos que homogeneizaram e mataram as sementes (Figuras 4, 5 e 6).

Figuras 4, 5 e 6 - Escudos das equipes *Itaty Mirim, Tataendy Rupa* e *Mymba Roka*

Fonte: Facebook Liga Mbya Guarani de Santa Catarina (2022)

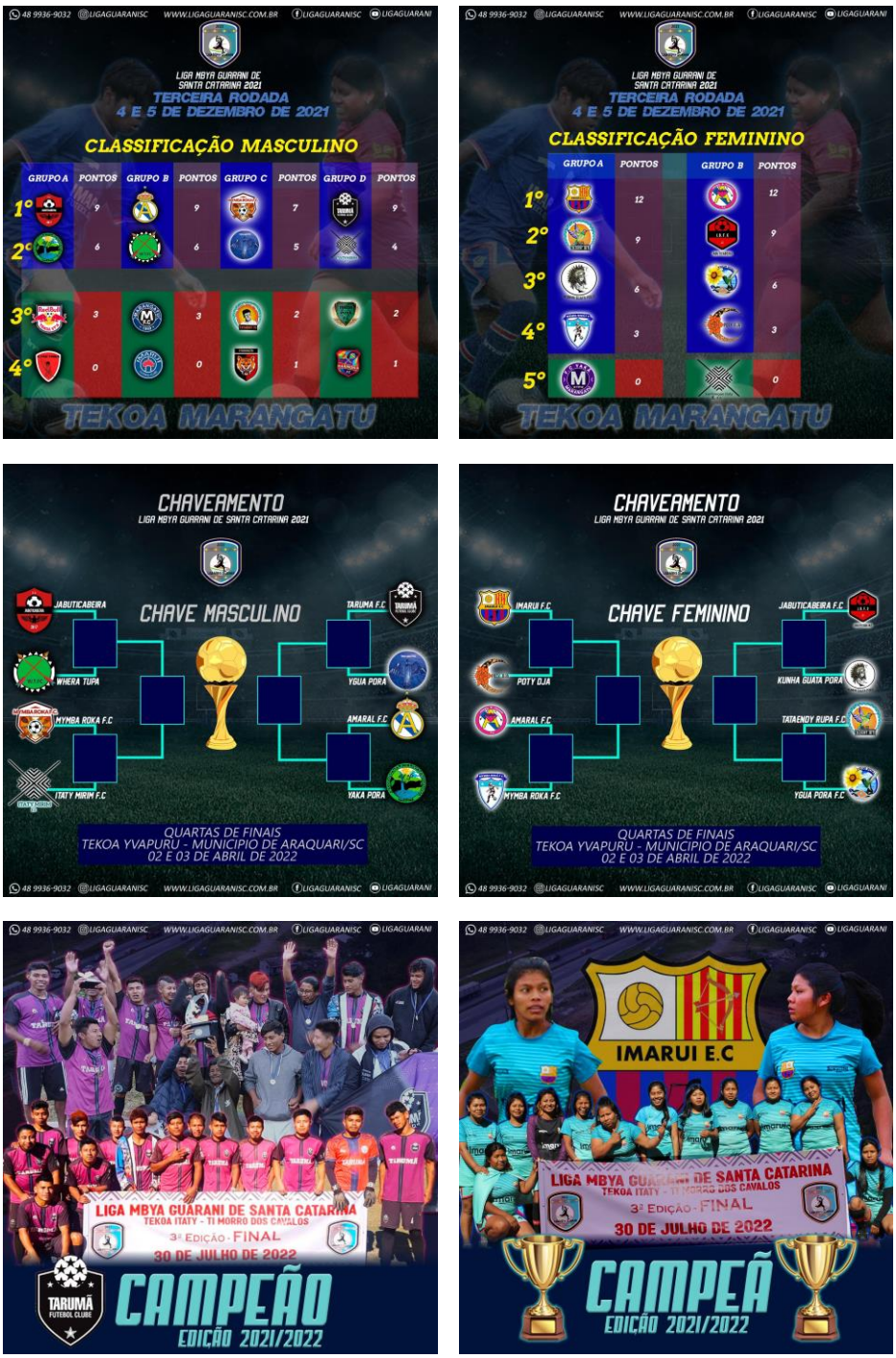
Na 3ª edição da Liga (2021/2022), participaram dez equipes femininas, e dezesseis equipes masculinas, de diferentes tekoas (aldeias) de Santa Catarina. Na fase inicial, essas equipes foram sorteadas em grupos, conforme mostra a Figura 7. Depois da primeira fase, as oito melhores equipes, tanto do feminino, quanto do masculino, passaram a se enfrentar no formato de mata-mata. Os campeões foram Tarumã, no maculino, e Imaruí, no feminino. Cada rodada, etapa, sorteio, resultado dos jogos, entre outras informações, são cuidadosamente divulgadas no *Facebook* oficial da Liga. Chama atenção a qualidade visual de cada uma das publicações conforme mostra as Figuras 8, 9, 10, 11, 12 e 13.

Figura 7 - Equipes e grupos da 3ª Edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina[7]

Fonte: Barbosa (2021): Jornal Cotidiano (UFSC) - adaptado pelo autor (2022)

[7] Xondaros e xondarias são palavras em guarani que significam respectivamente soldados e soldadas

Figuras 8, 9, 10, 11, 12 e 13 - Artes de divulgação da 3ª Edição da Liga *Mbya* Guarani de Santa Catarina: classificação da primeira fase, chaveamento da fase mata-mata e campeões



Fonte: Facebook da Liga *Mbya* Guarani de Santa Catarina (2022).

A Liga vem crescendo de tal forma, que para a 4ª Edição (2022/2023), uma equipe Guarani de São Paulo e uma do Rio Grande do Sul se inscreveram. Vale destacar que hoje existe, além da Liga *Mbya* Guarani de Santa Catarina, um campeonato Guarani no estado do

Rio Grande do Sul e um outro que unifica as equipes e *tekoas* (aldeias) de São Paulo e Rio de Janeiro.

Já há, inclusive, discussões entre os organizadores para a criação de uma espécie de Super Copa Guarani, onde os campeões de cada campeonato se classificariam para a disputa. O grande empecilho para realização deste torneio, além de obviamente a questão financeira, que envolve os deslocamentos, é a não padronização dos campos e regras entre os campeonatos. Assim como a Liga de Santa Catarina, o campeonato do Rio Grande do Sul também é de futebol de 7, enquanto o campeonato de São Paulo e Rio de Janeiro é o tradicional formato de 11 jogadores.

Voltando a Liga, Jekupé Mawe aponta que um dos objetivos de sua elaboração, foi criar um campeonato que gerasse integração entre os *tekoas* (aldeias) com mais organização, com regras bem definidas, além de não deixar muitas brechas para discussões. Toda a organização é realizada pelos próprios Guarani. Atualmente o campeonato conta com um regulamento escrito disponível no site da Liga[8], evidenciando os objetivos, e as regras sobre participação de equipes e de atletas, inscrições, disciplina, critérios técnicos, premiação e detalhes da organização. O regulamento prevê, por exemplo, a participação de *juruás*[9] (não-indígenas) no campeonato. Cada equipe tem direito a inscrever um jogador *juruá*, que geralmente é algum professor, professora, pesquisador, pesquisadora, ou outra pessoa com vínculos fortes com a comunidade e o *tekoa* (aldeia). Essa regra foi prevista para evitar que *juruás* tomassem o lugar dos atletas Guarani, afinal, apesar da competitividade que vem crescendo, o objetivo principal da Liga é propiciar o encontro e a integração entre os Guarani de diferentes *tekoas* (aldeias).

Poderíamos dizer até que a competitividade entre as equipes vem crescendo à medida que se aumenta a importância, divulgação, e até mesmo a premiação do campeonato. Qual time não quer entrar para a história da Liga e ainda receber uma boa quantia em dinheiro?

A primeira edição da Liga (2018/2019) premiou as equipes campeãs com R$ 600,00 (seiscentos reais). A segunda edição (2019/2021) premiou com R$ 2.000,00 (dois mil reais). A terceira edição (2021/2022) com R$ 5.000,00 (cinco mil reais). A quarta edição (2022/2023) prevê a premiação de R$ 8.000,00 (oito mil reais) para o feminino e R$

[8] Disponível em: https://sites.google.com/view/ligambyaguaranidesc/regulamento?authuser=0

[9] *Juruá* no Guarani, se traduzido literalmente, significa "barba" ou "pelo na boca". No entanto, foi um termo usado pelos Guarani para denominar os invasores europeus, e hoje é usado para todo homem não-indígena.

10.000,00 (dez mil reais) para o masculino. Todo o dinheiro das premiações saí do valor da inscrição das equipes, que na terceira edição da Liga (2021/2022), estava em de R$ 600,00 (seiscentos reais) por equipe, segundo o regulamento do campeonato. Há premiação também para segundos e terceiros colocados, além dos artilheiros e melhores jogadores.

A questão dos recursos, inclusive, é uma das grandes dificuldades da realização da Liga. Jekupé Mawe conta que nas três primeiras edições, o valor da inscrição foi diretamente direcionado às premiações em dinheiro. Os demais custos do campeonato como os troféus, bolas, apitos, cartões, redes e demais materiais esportivos, saíram do bolso dos próprios organizadores do evento. Para a quarta edição da Liga (2022/2023), Jekupé Mawe conta que se organizaram e decidiram reservar 20% do valor das inscrições para cobrir esses custos de materiais esportivos, direcionando os outros 80% para a premiação em dinheiro.

Ainda assim, segundo Jekupé Mawe, um dos objetivos dos organizadores da Liga é conseguir patrocinadores que possam fornecer esses materiais esportivos como bolas, redes, apitos, cartões, medalhas e troféus, além de ajuda financeira para premiação, transporte, fornecimento de chuteiras, confecção de uniformes ou melhoria nos gramados. A ajuda de patrocinadores poderia, por exemplo, deixar as taxas de inscrições menos onerosas, além de elevar o nível da competição esportiva. Devemos ter em mente que não é fácil para os atletas comprar chuteiras, adquirir os uniformes, pagar a inscrição e arcar com as viagens.

Jekupé Mawe, aponta que hoje, apesar das diferenças de dimensões e gramados, todos os *tekoas* (aldeias) têm campos de futebol (Figura 14). Segundo ele, a organização da Liga tenta balancear as rodadas nos diferentes *tekoas* (aldeias), a fim de equilibrar os gastos de deslocamento das equipes e dos torcedores que acompanham o campeonato. Claro que esta rotatividade das etapas da Liga depende da prévia autorização por parte das lideranças de cada *tekoa* (aldeia) que receberá o evento.

Figura 14 – Campo de futebol do *Tekoa Yvapuru*, Araquari, Santa Catarina

Fonte: Facebook Liga Mbya Guarani de Santa Catarina (2022).

Cada *tekoa* (aldeia) se organiza para realizar as viagens e deslocamentos, até o *tekoa* que receberá a rodada do campeonato. Jekupé Mawe aponta que a princípio, na primeira edição da Liga, era comum que só os jogadores fossem aos jogos, geralmente em carros particulares, mas com o sucesso do campeonato, as comunidades começaram a se mobilizar para participar, assistir e torcer pelas suas equipes, além de muitos irem motivados em rever parentes, amigos, fazer churrasco, ou participar de festas depois dos jogos. Jekupé afirma que "quando marca a data dos jogos é feriado nas aldeias" (Figura 15).

Figura 15 - Torcedores assistindo a disputa de 3º lugar entre Jabuticabeira e Yakã Porã – Tekoa Itaty, Terra Indígena Morro dos Cavalos, 2022.

Fonte: O autor (2022)

Jekupé Mawe chega a apontar que nesses deslocamentos, o pessoal da Terra Indígena Morro dos Cavalos - que envolve três tekoas (aldeias): *Itaty, Yakã Porã e Tataendy Rupã*, e é a Terra Indígena mais populosa de Santa Catarina - geralmente vão participar das rodadas do campeonato com um ônibus alugado e mais uns 10 carros cheios. Quando os jogos são realizados na Terra Indígena Morro dos Cavalos, mais especificamente no *tekoa Itaty*, como tive o prazer de acompanhar, nota-se muitos carros em volta do gramado, além de algumas vans, provavelmente alugadas.

Jekupé Mawe, destaca ainda a participação dos *xeremõi* (anciões) nos jogos. Para ele, ver os "velinhos" nos jogos é algo muito legal, pois passa confiança à organização do campeonato e as lideranças que recebem os jogos em seus *tekoas* (aldeias). Além de permitir brincar e interagir com eles fora do ambiente sério da *Opy* (casa de reza), por exemplo, onde geralmente são muito cobrados. Nos jogos, ao contrário, são eles que cobram os mais novos (Figura 16).

Sem dúvida, o momento mais bonito que presenciei foi a cerimônia de premiação e encerramento da 3ª Edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina. Durante a cerimônia, um orador fez falas de encerramento e convidou representantes das equipes masculinas e femininas e do *tekoa Itaty* para também realizarem falas. A maior parte das falas foi realizada

em Guarani, e eu pouco consegui entender. Porém as poucas falas em português, deixaram claro o sentimento de carinho e pertencimento pela Liga, e pela união e troca cultural entre os *tekoas* (aldeias) proporcionada por ela.

Figura 16 - *Xeremõi* (ancião) assistindo os jogos da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina a beira do gramado

Fonte: O autor (2022)

"Somos todos campeões", foi uma das falas de Juninho, vice-cacique do *tekoa Itaty*. "Sintam-se privilegiados de estar nesse campo… é nois rapaziada… somos todos campeões", foi uma das frases do representante do *Mymbá Roka*. A representante do time feminino do Imaruí, começou sua fala primeiramente agradecendo *Nhanderu* (nosso pai) "depois a organização… Agradecer também pela oportunidade de jogar bola, temos esse direito também… Não temos nada de diferente dos homens", enquanto as mulheres que a ouviam gritavam reafirmando sua fala.

As premiações começaram elegendo os melhores jogadores e jogadoras da Liga. Era chamado um jogador de cada equipe da final e a plateia elegeu os vencedores do prêmio. Nesse momento, mas uma vez foi possível observar o caráter amigável e de união do campeonato, quando no feminino, a vencedora do prêmio, ovacionada pela platéia, foi uma jogadora do *Tataendy Rupa* com nítidas limitações técnicas e físicas comparadas a outras excelentes jogadoras, mas que representa a superação e a interação.

Logo após, vieram as premiações para os artilheiros da Liga, Na sequência a entrega de troféus e medalhas para os terceiros colocados, vice-campeões e campeões. A mística da cerimónias foi criada não só com o palco e o semi-círculo de pessoas reunidas no gramado, mas também com rojões, papel picado (confetes) e a sonoplastia que criava um efeito emocionante com as oscilações de volume de uma música Guarani entre as falas e as convocações ao palco, premiação e comemoração das equipes (Figura 17).

Figura 17 - Cerimônia e encerramento da 3ª Edição da Liga *Mbya* Guarani de Santa Catarina

Fonte: O autor (2022)

Após o encerramento, fui convidado por alguns jovens da Terra Indígena Morro dos Cavalos a participar da festa que aconteceria depois dos jogos no Centro de Formação *Tataendy Rupã*. A princípio fiquei um pouco receoso, afinal, em conversas prévias, Jekupé Mawe já havia me informado que não era comum *juruás* (não-indígenas) participarem destas festas e confraternizações. Mas após confirmar com Jekupé Mawe se poderia ficar, acabei participando (Figura 18).

Figura 18 - Festa após encerramento da 3ª Edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina - Terra Indígena Morro dos Cavalos, 2022.

Fonte: Autor (2022)

Mesmo sendo talvez o único juruá (não-indígena) da festa, me senti muito bem recebido e acolhido, tanto pelas pessoas que já me conheciam da Terra Indígena Morro dos Cavalos, inclusive a cacica Kerexu Yxapyry, quanto por outras pessoas de outros tekoas (aldeias), que conversaram comigo, ofereceram bebida, e até me chamaram para dançar em alguns momentos.

A festa é tocada ao som predominante do forró e do "piseiro". Jovens e adultos dançam, conversam, dão risada e paqueram como qualquer festa *juruá* (não-indígena). Trata-se realmente de um momento de descontração e integração. Nesta festa, jovens do *tekoa* (aldeia) Amaral foram convidados para comandar a música ao vivo e animar a festa. Mas segundo Jekupé Mawe, em alguns casos, basta uma caixinha de som para que a festa e integração aconteçam da mesma forma.

A Liga *Mbya* Guarani de Santa Catarina, e tudo que ela envolve, vem cumprindo com o seu objetivo principal descrito em seu regulamento e site oficial, isto é "promover o bom relacionamento entre as aldeias, os atletas e população em geral, proporcionando uma forma de lazer aos desportistas e oportunizar a formação do cidadão na sociedade" (LIGA *MBYA* GUARANI DE SANTA CATARINA, 2022). Interessante é que essa socialização não é apenas entre os *tekoas* (aldeias), mas também geracional entre crianças, jovens, adultos e

anciões. Tudo isso fica ainda mais interessante, ao conhecermos a *teko* (cultura) e a noção de território e territorialidade Guarani.

4. *Yvy Rupa e Oguatá*: território e territorialidade guarani

Território é um conceito fundamental para a Geografia. Trata-se de com conceito polissêmico, isto é, possuidor de diversos significados e interpretações. É necessário ter em mente que este conceito, assim como suas diversas derivações - territorialidade, desterritorialização, reterritorialização, entre outros - são "categorias analíticas criadas pelas ciências sociais para instrumentalizar o estudo das relações da humanidade com o espaço" (CAVALCANTE, 2013). Sendo assim, a vivência e práticas espaciais de determinados grupos humanos, nem sempre se enquadram perfeitamente nos conceitos da academia, e portanto, não pretendo desenvolver uma aprofundada discussão teórica, nem mesmo uma longa revisão sobre o assunto. Buscarei, neste momento, apenas trazer à tona a noção de território e territorialidade Guarani, segundo seus próprios sujeitos.

Segundo o Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) da Terra Indígena Morro dos Cavalos, elaborado pela própria comunidade Guarani da TI em parceria com pesquisadores não-indígenas, "a percepção de território, ***Yvy Rupa***, para nós está ligada com a ideia de livre circulação em espaços onde cabem o ***Nhandereko***, modo de vida Guarani" (PGTA, 2021, p. 13).

Ainda segundo o PGTA (2021, p.13), "a ancestralidade Guarani circula há milhares de anos pelo ***Yvy Rupa*** (...) em uma extensa rede com nossos parentes, com intercâmbio, reciprocidade e cominucação".

O PGTA (2021), traz ainda a citação de Brighenti (2010) para reforçar sua concepção de território, isto é, *Yvy Rupa*:

> As terras Guarani são formadas por espaços descontínuos mas interligados pelas relações sociais estabelecidas pelo parentesco, pela reciprocidade e pelas visitas. A integração desenvolvida pelos Guarani, de viver sem fronteiras não condiz com as propostas praticadas pelos Estados de desintegração, sobretudo pela sedentarização, dificultando e forçando a quebra do elo entre as terras Guarani espalhadas pelo amplo território (BRIGHENTI, 2010, p. 263).

Uma boa forma de compreender visualmente o *Yvy Rupa*, território Guarani, é através do Mapa Guarani Digital (PIERRI, 2022). Um mapa dinâmico que permite visualizar

espacialmente a concentração de *tekoas* (aldeias), terras indígenas e sítios arqueológicos Guarani, espacializados nos estados brasileiros do Pará, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além de outros países como Uruguai, Argentina, Bolívia e Paraguai. Este Mapa possui zoom interativo, além de permitir sobreposição de algumas camadas cartográficas (Figura 19).

Para aqueles que sentem a necessidade, quase fetiche (no sentido filosófico), de relacionarmos esse conhecimento territorial com autores clássicos da Geografia, poderíamos relacionar com o conceito de território, sob a perspectiva relacional, e quem sabe até integradora de Haesbaert (2010).

Haesbaert (2010) aponta quatro perspectivas para compreender o território: materialista, idealista, integradora e relacional. A perspectiva materialista, segundo o autor, pode ser subdividida em outras três concepções: a) naturalista: relação entre humanos e natureza, por exemplo; b) de base econômica: território como fornecedor de recursos; e c) jurídico política: espaço submetido a soberania ou poder de um determinado Estado.

Na perspectiva idealista, o território tende a não se limitar a aspectos materiais, mas se amplia sobre aspectos simbólicos, culturais e religiosos. Além disso, a territorialidade pode ser construída não só na relação entre humanos e ambiente, mas também outros seres que habitam o território carregados de valores simbólicos (HAESBAERT, 2010).

Figura 19 - Captura de Tela do Mapa Guarani Digital

Fonte: Mapa Guarani Digital (coord. PIERRI, 2022)[10]

Na perspectiva integradora, o "território só poderia ser concebido através de uma perspectiva integradora entre as diferentes dimensões sociais (e da sociedade como a própria natureza)" (HAESBAERT, 2010, p. 74). Sobre essa concepção, o autor fala sobre uma "concepção de espaço como um híbrido - híbrido entre sociedade e natureza, entre política, economia e cultura, e entre materialidade e "idealidade", numa complexa integração tempo-espaço" (HAESBAERT, 2010, p. 79)

A perspectiva relacional, segundo Haesbaert (2010), entende o território como um conjunto de relações histórico-sociais. O território, neste caso, é constituído através da historicidade e temporalidade. Segundo essa perspectiva, as relações sociais, ao mesmo tempo que produzem o território, são produtos dele. A perspectiva relacional, portanto, opõe-se à rigidez e à estabilidade de algumas perspectivas de território, sobretudo aquelas voltadas para a dimensão jurídica e política, pelo contrário, nesta perspectiva o território é movimento e fluidez.

[10] Disponível em: https://guarani.map.as/#!/

Essa perspectiva, relacional nos leva para o conceito de territorialidade. Podemos entender a territorialidade como "o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu "território"" (LITLLE, 2022, p. 3). Esse "esforço coletivo", apontado por Little (2002), por sua vez, retoma as discussões de livre circulação pela *Yvy Rupa*, através da mobilidade e da tradicional *oguatá* (caminhamento) Guarani.

Vários autores, clássicos e contemporâneos, apontam que as, "migrações", mobilidades, deslocamentos, caminhamentos ou *oguatá*, como diriam os próprios Guarani, são elementos fundamentais na *teko* (cultura) Guarani, apontados desde Susnik (1980), Brochado (1984), Noelli (1993), por exemplo, até autores Guarani, como Ivarra Ortiz e Machado (2018). Esse tipo de deslocamento não pode, de maneira nenhuma, ser confundido com nomadismo, afinal, era comum que apenas parte da comunidade realizasse o deslocamento, mantendo a base territorial do *tekoa* (aldeia). Além disso, era comum, em alguns casos, a volta às suas antigas aldeias em um processo constante de mobilidade.

Esses autores apontam uma série de hipóteses sobre os motivos de tais caminhamentos: superpopulação, calamidades naturais, novas áreas de plantio e caça, expansão do território, rivalidades internas ou externas, busca por metais preciosos, libertar cativos, visitar familiares e amigos, trocas culturais, troca de sementes e até motivos religiosos, como a busca da *Yvy Marãe Y* (terra sem males), ou a crença de que deslocar-se em contato com a natureza, sagrada na visão Guarani, era um dos desejos de *Nhanderu* (nosso pai), que segundo algumas cosmovisões Guarani, teria criado o mundo caminhando. Há, inclusive, relatos de caminhamentos até os *Yvytyguá* (moradores da montanha), referindo-se aos Incas, através dos famosos caminhos do *Apynru* (nele coloco meus pés, popularmente conhecido como Peabiru) (IVARRA ORTIZ; MACHADO, 2018).

> Algo muito significativo na nossa Terra Indígena é que o famoso caminho do Peabiru, rota da América do Sul pré-colombiana que vai do Atlântico ao Pacífico (...) passa por nossa terra. O caminho acompanhava o movimento aparente do Sol, nascente - poente - nascente e fazia a conexão de várias comunidades de diferentes civilizações, ligava o povo Guarani com o povo Inca (PGTA, 2021, p. 14)

Ivarra Ortiz e Machado (2018) apontam que, ao contrário do que muitos pensam, ainda hoje os Guarani realizam a *oguatá* (caminhada), mesmo diante da fragmentação, destruição e criação de limites rígidos em seus territórios. "A filosofia de vida Mbya Guarani

insiste no caminhar e vai reproduzir-se sempre" (IVARRA ORTIZ; MACHADO, 2018, p. 249). Os autores ainda relatam sobre:

> uma rede de caminhos, trajetórias, sonhos que interagem e potencializam o modo de ser Mbya [Guarani] (...) O caminhar é uma forma de se aproximar e estar com aqueles que nos são caros, com os quais nos sentimos bem, que tem significado para nós, uma ligação, interação, que é mais sentida do que explicada, tanto com os parentes terrenos, como os que estão no ambá (morada celeste). (IVARRA ORTIZ; MACHADO, 2018, p. 260)

Por fim, citamos novamente o Plano de Gestão Territorial (2021) e Ambiental da Terra Indígena Morro dos Cavalos:

> Buscamos manter nossos processos culturais através da circulação nas terras, havendo mudanças e trocas de e entre pessoas cotidianamente. Isso faz com que os laços de parentesco sejam conectados sem fronteiras e a ligação das pessoas com o vasto território seja intensa, principalmente para os mais velhos que passam por várias terras durante suas vidas e visitam parentes por todo o território (PGTA, 2021, p. 14).

Portanto, o *Yvy Rupa*, o território Guarani, pode ser entendido como um território não estático, sem fronteiras e aparentemente descontínuo, onde a mobilidade, a fluidez e o intercâmbio cultural através das *Oguatá* (caminhamentos), sejam pela rodovia, pela terra, pela água ou pelo ar, mantem uma rede de contatos e relações que faz de todos os *tekoas* Guarani um único território que abriga o *Nhandereko* (modo de vida Guarani).

5. Considerações finais

Diante do exposto até aqui, retomo a hipótese central desta pesquisa: O futebol, enquanto atividade cultural e possivelmente ancestral na *teko* (cultura) Guarani, desde seu formato pré-colonial, até sua organização e prática recente através de ligas e campeonatos Guarani, como é o caso da Liga *Mbya* Guarani de Santa Catarina.

Neste sentido, a pesquisa constatou que o futebol tem contribuído para a manutenção da *oguatá* (caminhada Guarani), e para manutenção de uma rede de relações e de intercâmbio cultural, que por sua vez está diretamente relacionada com a territorialidade e com o território, *Yvy Rupa*, Guarani?

Através da revisão bibliográfica e documental, além das conversas que realizei até o momento, creio que é possível afirmar que os povos Guarani, antes da invasão europeia, já praticavam o futebol, ou ao menos um jogo de bola com pés parecido com o atual futebol.

Sendo assim, podemos considerar o futebol um patrimônio cultural imaterial e ancestral dos povos Guarani, estando relacionado inclusive com a cosmovisão religiosa dos mesmos.

Levando em consideração que a Liga *Mbya* Guarani de Santa Catarina é organizada e realizada com o objetivo de promover o bom relacionamento entre diversos *tekoas* (aldeias) aparentemente desconexos no espaço (na visão ocidental), promovendo integração cultural e formas de lazer entre eles, através dos deslocamentos, mobilidade, e visitas a familiares e amigos de outros *tekoas* (aldeias), é possível traçar uma relação entre a realização dos jogos e a tradicional *Oguatá* (caminhamento) Guarani.

Por sua vez, a *Oguatá* (caminhamento), está intimamente relacionada com a noção de território Guarani, isto é, *Yvy Rupa*, que aparentemente desconexo, é conectado justamente pelo intercâmbio cultural promovido pela mobilidade e fluidez.

Ou seja, a partir dos resultados parciais até aqui apresentados, considero, que o futebol, elemento cultural e ancestral da *teko* (cultura) e *Nhandereko* (modo de vida) Guarani, têm contribuído, pelo menos na atualidade, para a manutenção dessa rede de relações culturais que estruturam o *Yvy Rupa*, território Guarani.

Cabe ressaltar, no entanto, que esta é uma pesquisa ainda muito nova (pouco mais de um ano) e ainda em curso. Há ainda uma série de questões a serem respondidas, e por consequência, uma longa trajetória de pesquisa que inclui mais levantamentos bibliográficos e documentais, observações participantes, e sobretudo mais conversas e entrevistas com jogadores e jogadoras da Liga, organizadores, torcedores de diferentes idades, e quem sabe até *xeremõi* (anciões) e lideranças territoriais.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, R. **Esporte, luta e tradição: vem aí a 3ª edição da Liga de Futebol Mbya Guarani de Santa Catarina.** Cotidiano - UFSC [online], Santa Catarina, 07 de outubro de 2021. Disponível em: https://cotidiano.sites.ufsc.br/esporte-luta-e-tradicao-vem-ai-a-3a-edicao-da-liga-de-futebol-mbya-guarani-de-santa-catarina/. Acesso em: 26 de out. de 2022.

BERGAMASCHI, M. A. **Nhembo'e - enquanto o encanto permanece:** processos e práticas de escolarização nas aldeias guarani. 272 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2005.

BRIGUENTI, Clovis Antônio. **Estrangeiros na própria terra: Presença Guarani e Estados Nacionais.** Florianópolis/Chapecó: E. UFSC/Argos, 2010, 282 pp.

BROCHADO, J.P. 1984. **An ecological model o f the spread o f pottery and agriculture into Eastern South America.** Urbana-Champaign, University of Illinois at Urbana-Champaign, 1984. Tese (Doutorado).

CAVALCANTE, T. L.V. **COLONIALISMO, TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE:** a luta pela terra dos Guarani e Kaiowa em Mato Grosso do Sul. 471 p. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista - UNESP. Assis. 2013.

CORNELLI. G. **Platão e os Guaranis:** utopias transatlânticas na obra De Administratione guaranica comparata ad Rempublicam Platonis commentarius de José Manuel Peramás. Revista de estudos de cultura. nº 6. p. 125-136. setembro de 2016.

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização:** do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

IVARRA ORTIZ, R. MACHADO, A. M. **Na estrada da terra sem mal: história, memória e cosmologia**. FACES DA HISTÓRIA, Assis-SP, v.5, nº2, p. 244-261, jul.-dez., 2018.

LEÃO. L. de A. **Origem e História do Futebol no Mundo**. 2017. Disponível em: https://docplayer.com.br/60646899-Origem-e-historia-do-futebol-no-mundo.html Acessado em: 23/ set./ 2021.

LIGA MBYA GUARANI DE SANTA CATARINA. Site oficial. Disponível em: https://www.ligaguaranisc.com.br/ Acesso em: 02 de nov. de 2022.

LIGA MBYA GUARANI DE SANTA CATARINA. Página do Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/ligaguaranisc Acesso em: 02 de nov. de 2022.

LITTLE, P. E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil**: por uma antropologia da territorialidade. Série Antropologia, n. 322, Brasília, Unb, 2002.

LOS Guaraníes Inventaron el Fútbol. Produção de Marcos Ybañez. San Ignacio Guazú. Secretaría Nacional de Cultura - Republica del Paraguay, 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NtjJ-qXrqlQ Acessado em: 20 de set. de 2021. (10 min).

NOELLI, F. S. **Sem Tekohá não há Teko**. Em busca de um modelo etnoarqueológico da Aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no Delta do Rio Jacui-
RS. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. (1993).

PEREIRA, V. C. **Mbya reko e elementos urbanos:** encontros dos Guarani Mbya com a cidade em contextos distintos de ocupação no Estado do Rio de Janeiro. INTRATEXTOS, Rio de Janeiro, Número Especial 01, pp.85-102, 2010.

PGTA. **Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Morro dos Cavalos:** Eko-Etno-Movimento. 2021.

PIERRI. D. C. (coord.). **Mapa Guarani Digital.** Disponível em: https://guarani.map.as/#!/ Acessado em: 08 de nov. de 2022.

QUEZADA, S. E. C. **A terra de Nhanderu:** organização sociopolítica e processo de ocupação territorial dos Mbyá-Guarani em Santa Catarina, Brasil. 164 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2007.

SANTOS, N. M. dos; et al. **O brincar na natureza é uma aventura para a populações Guarani do Paraná?.** 2010. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/127757 Acessado em: 18/08/2022;

SUSNIK, B. Los aborígenes del Paraguay In: **Etnohistória de los guaraníes, época colonial.** Assunción: Museu etnográfico Andrés Barbero, 1980.